Rastreando o movimento antivacinas na rede social *X*/*Twitter*: atores e narrativas[1]

Carla MONTUORI[2]
Thiago Berti KIRSTEN[3]
Vinícius Borges GOMES[4]
Alex Luciano FERNANDES[5]
Universidade Paulista, São Paulo, SP
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, BH

RESUMO
A pesquisa investiga como informações falsas sobre vacinas se disseminaram na plataforma *X* (antigo *Twitter*), durante as pandemias da Gripe Suína (H1N1) e da Covid-19 (SARS-CoV-2), usando como metodologia a análise de redes sociais e a análise de conteúdo automatizada, com o objetivo de identificar os principais influenciadores e as narrativas de desinformação que circularam na rede, durante os três primeiros meses das respectivas doenças. Durante a pandemia de Covid-19, políticos foram os principais propagadores da desinformação sobre vacinas, enquanto na pandemia de H1N1, humoristas e figuras públicas da televisão exerceram maior influência.

PALAVRAS-CHAVE
Desinformação; Movimento antivacinas; Covid-19, H1N1.

INTRODUÇÃO

Atualmente, debate-se intensamente sobre o declínio da influência dos campos simbólicos devido à crescente midiatização da sociedade. Esse fenômeno de midiatização se manifesta de forma notável, especialmente no âmbito político e jornalístico. A imprensa, tradicionalmente vista como o bastião da objetividade, do compromisso com a verdade e da diligência na investigação dos fatos em prol do interesse público, enfrenta novos desafios com a ascensão das mídias digitais. Essa evolução tem facilitado a propagação de narrativas falsas, ou "*fake news*", em uma escala sem precedentes e frequentemente fora de controle. Com a proliferação das mídias digitais e a consequente perda de controle centralizado da informação, observa-se um aumento na disseminação de narrativas falsas.

[1] Trabalho apresentado no GP Tecnologias e Culturas Digitais, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
[2] Docente do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Paulista (UNIP), email: carla.montuori@docente.unip.br
[3] Docente do Programa de Pós-graduação em Patologia Ambiental e Experimental da Universidade Paulista (UNIP), email: thik@outlook.com
[4] Docente do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), e-mail: vinibgpj@gmail.com
[5] Doutorando do Programa de Pós-graduação em Patologia Ambiental e Experimental da Universidade Paulista (UNIP), email: alexlf_vet@yahoo.com.br

Em questões relacionadas à saúde pública, testemunha-se uma proliferação de movimentos conspiratórios e negacionistas, que incluem a disseminação de desinformação sobre a importância da vacinação. Fernandes e Montuori (2020) observam que, ao longo das últimas décadas, os argumentos e as crenças dos grupos antivacinas têm evoluído, influenciados pela disseminação de notícias falsas nas redes sociais. Essas notícias alertam sobre supostos riscos das vacinas, seus possíveis efeitos colaterais e promovem teorias conspiratórias.

Nesse sentido, a pesquisa tem por objetivo analisar a onda de informações falsas sobre a vacina em cenários de riscos epidêmicos, tendo como objeto de estudo as redes sociais em eventos específicos em que a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou emergência de saúde pública de importância internacional, buscando responder como se estrutura e quais são os principais influenciadores na rede de desinformação que sustenta a descrença a respeito da vacina em contextos distintos?

A abordagem incidirá principalmente sobre as notícias falsas que circularam no *Twitter*/*X*, sobre as pandemias de H1N1 e do recente surto de Covid-19, durante os três primeiros meses da doença no Brasil, de maio a agosto de 2009 e março a junho de 2020, respectivamente. Nas primeiras duas semanas de abril de 2009, os sistemas de vigilância do México e da Califórnia notificaram casos de infecção por um vírus da influenza A, inicialmente indefinido. Logo se identificou o vírus como uma combinação tríplice de influenza suína, aviária e humana, denominado H1N1. Na segunda quinzena de abril, a OMS emitiu um alerta sobre a nova epidemia e, em três semanas, quase 10 mil casos de H1N1 foram notificados, com 79 mortes confirmadas. No Brasil, a pandemia de H1N1 resultou em 2.098 mortes apenas em 2009[6].

Após mais de uma década, em 11 de março de 2020, a OMS declarou uma nova pandemia ocasionada pelo vírus SARS-CoV-2, causador da Covid-19, que teve início em Wuhan, na China, no dia 17 de novembro de 2019. O vírus se espalhou rapidamente por todos os continentes e, enquanto já provocava sérios danos a alguns países, ameaçava tantos outros dada a iminência do aumento de contaminações e, consequentemente, de mortes (GOMES, 2021). No Brasil, o primeiro caso de Covid-19 foi confirmado em 26 de fevereiro de 2020. Mesmo com um forte esquema da vacinação, que teve início em 17

[6] Informação disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52042879. Acesso em: 10 de jun. de 2024.

de janeiro de 2021[7], na cidade de São Paulo, o país já registrou, em junho de 2024, um total de 712.552 óbitos pela doença[8].

Nos contextos de pandemias marcadas pela dinâmica da midiatização e por novas formas de sociabilidade, pesquisas sobre o movimento antivacinas se justificam, considerando que, desde sua criação no século XVIII, as vacinas têm sido indiscutivelmente um dos instrumentos mais eficazes de saúde pública, responsáveis pelo controle de diversas doenças. Esse controle é especialmente crucial em um cenário de alta mobilidade humana, facilitado pelo avanço dos meios de transporte, pela intensificação das viagens e pela significativa movimentação entre continentes (PONTE, 2003).

REFERENCIAL TEÓRICO

A desinformação tem sido um conceito amplamente estudado, sob diferentes óticas, para abordar a proliferação de mentiras nas redes sociais *online,* bem como as teorias da conspiração, negacionismos científicos e ataques a algumas instituições, como na política e no jornalismo. Wardle e Derakhshan (2017) propõem um quadro definidor intitulado "Information Disorder" ou "Desordem da Informação". Os autores indicam que o potencial da desinformação está ligado a duas possibilidades: a incorreção/imprecisão e a intenção de prejudicar. A intencionalidade, portanto, caracteriza-se como um fator preponderante no estudo das circularidades de contranarrativas mentirosas ou negacionistas. Aspectos ideológicos estruturam ações coordenadas de ataques à vacinação.

As informações falsas também estão inseridas em um contexto de crise institucional, próprio da modernidade tardia, em que prevalece uma descrença no campo científico. O movimento antivacinas também se apoia em dinâmicas de poder do campo científico, ainda que o contraponha. O faz quando cria seus conteúdos baseados em artigos científicos já contestados, pesquisas com metodologias questionáveis ou até mesmo em relatos pessoais – nesse caso, especificamente, proliferam convicções subjetivas que passam a condicionar a ação de muitos sujeitos. Fernandes e Montuori (2020) afirmam que a baixa percepção do risco de algumas doenças, o receio de eventos

[7] Informação disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/01/17/ha-um-ano-sp-vacinava-1a-pessoa-contra-covid-no-brasil-veja-o-que-mudou-e-projecoes-para-o-futuro.ghtml. Acesso em: 10 de jun. de 2024.
[8] Informação disponível em: https://www.poder360.com.br/poder-saude/numero-de-casos-de-covid-sobe-pela-3a-semana-seguida-no-brasil/. Acesso em: 10 de jun. de 2024.

adversos pós-vacinação, as dúvidas sobre a eficácia e formulação, adicionados à suspeição de interesse mercadológico da indústria farmacêutica são motivações comuns que incentivam o movimento antivacinas.

O recrudescimento das campanhas contra políticas sanitárias e de vacinação está alinhado ao populismo digital em suas configurações contemporâneas de deslocamento da disputa política para o plano das guerras culturais, como afirmam Cesarino (2020) e Gallego *et al.* (2017). A responsabilização do Estado e de outros inimigos comuns, criados a partir da agitação digital, desloca a problemática social para longe da responsabilidade do mercado e das estruturas econômicas neoliberais. Gomes (2021) aponta como o populismo do ex-presidente do Brasil, Bolsonaro (PL), configurou-se como uma vertente de populismo digital de direita com forte apelo e ataques ao campo científico, especialmente durante a pandemia da Covid-19. Embora o movimento antivacinas venha sendo identificado no mundo ao longo das últimas décadas, seu fortalecimento encontra infraestrutura e disseminação na ascensão da extrema direita e do embate que esta faz a instituições consolidadas.

METODOLOGIA

Para a coleta das respectivas redes na plataforma *X* foi desenvolvido um *script* em *Python*, com os termos “H1N1” e “Gripe Suína”, que extraiu um total de 200 mil tuítes, de maio a agosto de 2009. O *script* para a rede da Covid-19 teve como termos “Covid-19” e “Coronavírus” e extraiu um total de 500 mil tuítes, de março a junho de 2020. O recorte temporal de três meses para cada surto infeccioso foi escolhido para analisar os registros desde o início da doença, quando as informações ainda são escassas (primeiro mês), até os meses subsequentes (segundo e terceiro mês), quando as informações de fontes oficiais já têm maior circulação. Já a escolha pela rede social *X* se justifica pelo fato da rede social ocupar no ano de 2023, o sexto lugar em número de usuários, sendo acessada por 47,6% da população ativa na internet[9].

Isto posto, os dados coletados foram exportados para o software *Gephi*, onde foi aplicada a métrica do grau de entrada (*indegree*), buscando os perfis que receberam o maior número de menção nas discussões durante o período. A proposta consiste em

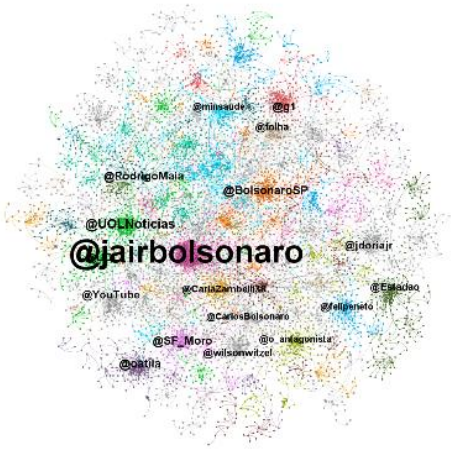
[9] Informação disponível em: https://datareportal.com/reports/digital-2023-brazil. Acesso em: 10 de jun. de 2024.

categorizar as narrativas falsas dos dez perfis mais influentes de cada período analisado em categorias semânticas. Para a realização da análise semântica, o conteúdo será submetido ao método de Análise de Conteúdo Automatizada (CERVI, 2018).

RESULTADOS

Durante a pandemia de Covid-19, a disputa narrativa em torno das vacinas, concentrada na esfera política, manifestou-se no aumento do engajamento de perfis provenientes desse campo nas redes sociais. Na figura 1, é possível identificar a rede da Covid-19, com os perfis que receberam o maior número de menções (maior grau de entrada) nas discussões durante o período.

Figura 1. Rede menções Covid-19/Coronavírus – março a junho 2020



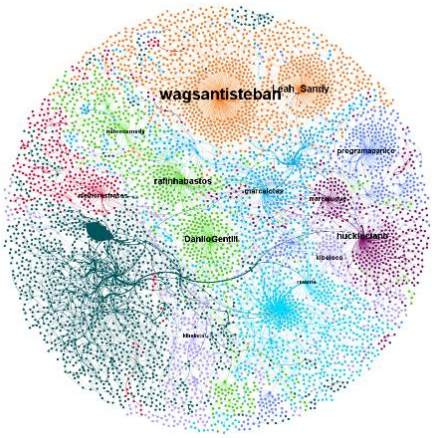
Fonte: da autora

Ao observar a posição estrutural da rede, percebe-se que determinados agentes se destacam. No centro da rede estão o ex-Presidente Bolsonaro, seus filhos Eduardo e Carlos Bolsonaro, e a Deputada Federal Carla Zambeli, todos próximos devido a posições ideológicas semelhantes. Bolsonaro, o principal destaque, adotou uma postura contrária às recomendações médicas e da OMS durante a pandemia. O ex-Ministro da Justiça, Sergio Moro, foi um dos atores com maior grau de entrada na rede, cobrando sanções aos governadores que implementavam medidas de isolamento social. Em oposição, Rodrigo Maia, ex-Presidente da Câmara, se destacou como um oponente do discurso negacionista de Bolsonaro, defendendo medidas de contenção à Covid-19. Na mídia, portais como UOLNotícias, G1, Folha, Estadão e O Antagonista se destacam, com a relação conflituosa de Bolsonaro com a imprensa se intensificando durante a pandemia. Também se destacam

os influenciadores Atila Iamarino, que combateu fake news, e Felipe Neto, que criticou fortemente o governo Bolsonaro durante esse período.

Na figura da rede (figura 2), é possível identificar a rede com os perfis que receberam o maior número de menção (maior grau de entrada) nas discussões sobre a H1N1.

Figura 2. Rede H1N1 – Brasil, maio a agosto 2009



Fonte: da autora

Ao observar a posição estrutural da rede, nota-se que os agentes vinculados a programas de humor receberam o maior número de menções. Destacam-se os artistas Sandy Lima, Luciano Huck e Wagner Santisteban, além de agentes da imprensa e órgãos governamentais. No grupo dos humoristas os apresentadores do programa "Custe o que Custar" (CQC), como Marcelo Tas, Rafinha Bastos, Marco Luque e Danilo Gentilli, mobilizaram a rede. Durante a pandemia de H1N1, menções sobre os riscos de viajar para a Argentina, onde o vírus estava em alta, surgiram, acompanhadas de piadas ligando o vírus ao porco.

A categoria artista trazia como principais influenciadores o apresentador Luciano Huck, a cantora Sandy Lima e o ator Wagner Santisteban. A menções em torno de Huck se efetivaram após a confirmação que o ator André Marques havia contraído o vírus (H1N1), após viajar à Argentina para gravar com Angélica um quadro do Estrelas, da TV Globo. Luciano que acompanhou a esposa Angélica na viagem, foi obrigado a cumprir um período de quarentena, ação que o afastou dos compromissos públicos. Sandy foi mencionada por um tuíte errôneo sobre a origem da Gripe Suína. Wagner Santisteban gerou repercussão com um tuíte negacionista que criticava a falta de atenção à AIDS em comparação à Gripe Suína. Na rede da imprensa, destaca-se o jornal O Estado de S. Paulo

(@Estadao) e a jornalista Rosana Hermann, que esclareceu dúvidas no Twitter. O perfil do Ministério da Saúde também se destacou ao informar a população sobre riscos e medidas de prevenção da doença.

Ao avançar para a análise de conteúdo, abarcando as narrativas falsas sobre a vacinação da Covid-19, é possível identificar que a desinformação em torno da vacina também foi atravessada pelo discurso do governo. Logo que os primeiros imunizantes surgiram, Bolsonaro negou a compra do medicamento, indicando que nenhum brasileiro serviria como cobaia. Em movimento contrário, o ex-governador de São Paulo, João Doria, anunciava parceria com o laboratório chinês Sinovac, que pesquisava a vacina Coronavac, no Brasil, produzida em parceria com o Instituto Butantã. Nesse aspecto, grande parte das menções contrárias à vacinação encontra eco na desconfiança do governo Bolsonaro em relação ao imunizante, sobretudo em relação a vacina "chinesa". Há, também, fake news, que imputam ao empresário Bill Gates a responsabilidade pela produção do Coronavírus, com o objetivo de produzir uma vacina, que fosse capaz de injetar um microchip, visando despovoar o mundo e/ou controlar a população.

Da mesma forma, durante a H1N1, as narrativas falsas alertavam que os laboratórios farmacêuticos e indústrias de vacinas lucrariam ao buscarem medicamentos para combater a doença. A farmacêutica Roche, fabricante do antiviral Tamiflu, eficaz no tratamento de pessoas infectadas com o vírus da H1N1, foi acusada de ocasionar um alarmismo ao lado da OMS, para conquistar lucros com a doença.

CONCLUSÃO

A sociedade contemporânea está exposta a uma vasta quantidade de informações devido à proliferação dos meios digitais, o que pode tanto democratizar o acesso ao conhecimento quanto representar um risco social ao questionar saberes científicos estabelecidos, testados e verificados. O sistema de vacinação frequentemente se torna alvo de uma inundação de informações falsas e prejudiciais através das redes sociais.

Além disso, essas informações falsas surgem em um contexto de crise institucional, onde há uma crescente desconfiança nos sistemas de especialistas, incluindo a comunidade científica. Diante das incertezas do mundo moderno, o movimento antivacinas parece ter iniciado uma guerra de narrativas que, na pandemia de Covid-19, se apoiou em disputas políticas, enquanto na pandemia de H1N1 se baseou em teorias da conspiração disseminadas por figuras públicas da mídia televisiva e do campo político.

REFERÊNCIAS

CERVI, E. U. Análise de conteúdo automatizada para conversações em redes sociais: uma proposta metodológica. In: **Anais** do 42º Encontro anual da Anpocs, 42., 2018, Caxambu. Caxambu: ANPOCS.

CESARINO, L. Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil. **Internet & Sociedade**, v. 1, n. 1, p. 91-120, 2020.

FERNANDES, C. M.; MONTUORI, C. A rede de desinformação e a saúde em risco: uma análise das fake news contidas em 'As 10 razões pelas quais você não deve vacinar seu filho'. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, v. 14, n. 2, p. 443-460, 2020.

GALLEGO, E.; ORTELLADO, P.; MORETTO, M. Guerras culturais e populismo antipetista nas manifestações por apoio à operação Lava Jato e contra a reforma de previdência. **Em Debate: Periódico de Opinião Pública e Conjuntura Política**, n. 2, p. 35-45, 2017.

GOMES, V. B. **Analogias populistas na narrativa presidencial**: contrapontos à ciência na Pandemia da Covid-19. 2021. 325 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Instituto de Ciências Sociais e Comunicação, Universidade Paulista, São Paulo, 2021.

PONTE, C. F. **Vacinação, controle de qualidade e produção de vacinas no Brasil a partir de 1960**. História, Ciências, Saúde Manguinhos. v. 10, n. 2, p. 619-53, 2003.

WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. **Information Disorder**: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making. Council of Europe Report, 2017.